

ANTOLOGIA NACIONAL
UNIVERSO DA
POESIA

VOL. X



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-02-41648-8
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

TRAGO NA PELE MUITAS CICATRIZES, POR ALEXANDRE MONTEIRO, PÁG. 05
SINFONIA DAS FLORES, POR ALTAIR MACIEL, PÁG. 07
FORÇOSAMENTE, POR BETE PADOVEZE, PÁG. 09
ÁLVARO BONASERA, POR ÁLVARO BONASERA, PÁG. 11
O SILÊNCIO, POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA, PÁG. 14
LIBERTE-SE, POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA, PÁG. 16
ADEUS ÀS ILUSÕES, POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA, PÁG. 18
MESA DO RIBEIRINHO DO JURUÁ, POR ENOCH DE SIQUEIRA CAVALCANTI NETO, PÁG. 20
O GUERREIRO NÃO MORREU, POR ENOCH DE SIQUEIRA CAVALCANTI NETO, PÁG. 22
O CABOCLO, POR ENOCH DE SIQUEIRA CAVALCANTI NETO, PÁG. 24
SER ESCRITOR, POR ENOCH DE SIQUEIRA CAVALCANTI NETO, PÁG. 26
DENTRO DE MIM, POR ENOCH DE SIQUEIRA CAVALCANTI NETO, PÁG. 28
PICOLÉ DE VERÃO, POR GABRIELA PEREIRA MENDES, PÁG. 30
AURORA, POR LILIANY VICTOR MORAIS SANTANA, PÁG. 32
ERA UMA VEZ... SANTA EUDÓXIA, POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO, PÁG. 34
ERA UMA VEZ... SANTA EUDÓXIA (2), POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO, PÁG. 37
ERA UMA VEZ... MARIA FUMAÇA-821 (1), POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO, PÁG. 42
ERA UMA VEZ... MARIA FUMAÇA-821 (2), POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO, PÁG. 47
REPUTAÇÃO, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 51
CÓLERA, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 53
DOMADOR DA DOR, POR MARISE CRISTINA RÉGO BRITO, PÁG. 55
ATÉ O DESPERTAR DO DIA, POR NOEL DO CARMO SILVA, PÁG. 58
FLOR, POR PÓ ET SOMBRA (FLAVIO JOPPERT), PÁG. 61
ESPERANÇAR COM A POESIA, POR RITA DE CÁSSIA ZUIM LAVOYER, PÁG. 63
AQUECIDA EM FOGUEIRA ESTELAR, POR ROSA CANCIAN, PÁG. 66
VIDAS NO LIMITE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 70
TORTO REGISTRO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 72
AXIS MUNDIS, POR VYTHOR BKOSQI, PÁG. 74
O SONETO DAS ESTAÇÕES, POR VYTHOR BKOSQI, PÁG. 76
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 78

ANTOLOGIA NACIONAL

UNIVERSO DA

POESIA

— VOL. X —

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

APRESENTAMOS

TRAGO NA PELE MUITAS CICATRIZES

POR ALEXANDRE MONTEIRO

Alexandre Monteiro, natural do Rio de Janeiro, possui escrita que denuncia seus múltiplos interesses e formações. É mestre em Sociologia Política, arquiteto especializado em História da Arte, docente do curso de graduação em Design e artista visual. Na literatura, possui especial admiração por Borges, Kafka e Allan Poe. Não se considera poeta, apenas alguém que expressa textualmente suas experiências, sejam elas as íntimas ou as cotidianas.



Trago na pele muitas cicatrizes,
Que me deslocam para onde passei,
Que me recordam do que já nem sei,
Mantendo vivas as minhas raízes.

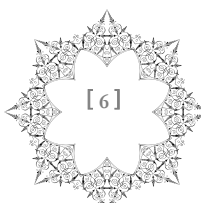
Algumas delas me falam das crises,
Que me levaram a locais escuros,
Em meio às grades, cercas e muros,
Sinais de dias bem pouco felizes.

Algumas brilham à luz do luar,
E nada falam sobre horror ou dor.
Trazem as lembranças de um grande amor,
Que já partiu e não vai mais voltar.

Nem sei dizer de qual pele refiro,
Se é do corpo, da alma ou da mente,
E aos que me tomam como inconsequente,
Saibam que assim é como eu prefiro.

Nas cicatrizes é que me encontro,
E vejo nelas o que me tornei,
Por toda a força que eu alcancei,
De todo o pranto que já derramei.

E mesmo assim eu não me vejo pronto.



APRESENTAMOS

SINFONIA DAS FLORES **POR ALTAIR MACIEL**

Altair Maciel, Brasileiro, Casado, residente em São Paulo. Poeta, Compositor.

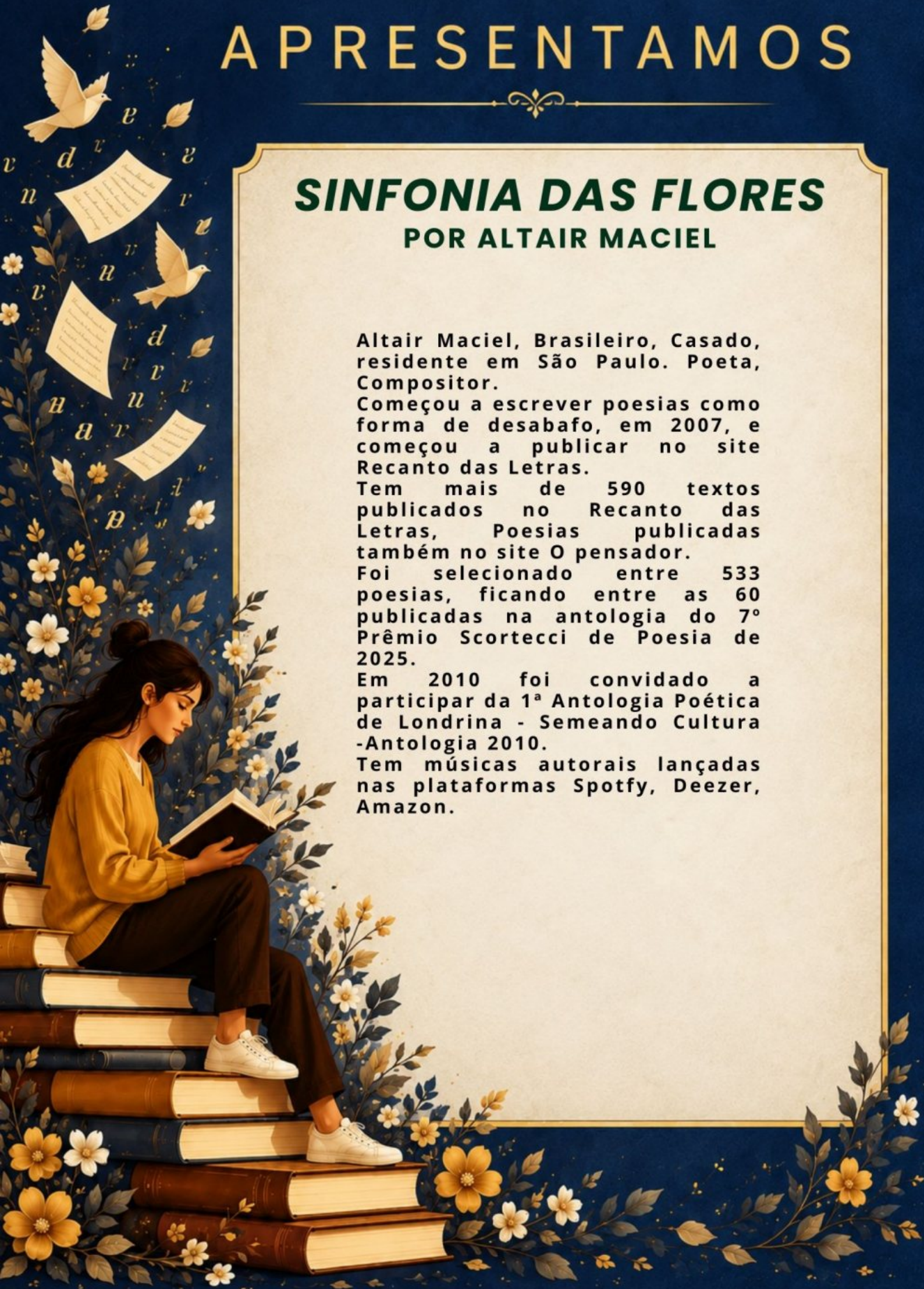
Começou a escrever poesias como forma de desabafo, em 2007, e começou a publicar no site Recanto das Letras.

Tem mais de 590 textos publicados no Recanto das Letras, Poesias publicadas também no site O pensador.

Foi selecionado entre 533 poesias, ficando entre as 60 publicadas na antologia do 7º Prêmio Scortecci de Poesia de 2025.

Em 2010 foi convidado a participar da 1ª Antologia Poética de Londrina - Semeando Cultura -Antologia 2010.

Tem músicas autorais lançadas nas plataformas Spotfy, Deezer, Amazon.



Sob a batuta do vento, despertam,
flores musicais em tom floral.
Cada pétala um instrumento,
cada fragrância, uma nota no ar.

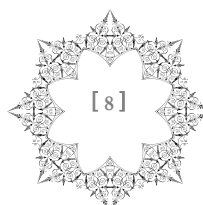
A rosa, violino melancólico,
derrama âmbar e mel pelo chão.
O jasmim, flauta doce e lírico,
tece espirais de doce canção.

Tulipas, trombetas douradas,
exalam néctar vibrantes,
enquanto as violetas, afinadas,
sussurram acordes serenos e constantes.

O cravo, címbalo de especiaria,
explode em notas quentes, picantes.
E o lírio, harpa de alquimia,
mistura brisas e sonhos errantes.

Oh! Maestro das brisas, conduz
essa sinfonia de essências vivas!
Que os narizes sejam ouvidos,
e os aromas, melodias cativas.

O público é o jardim inteiro,
cada folha um crítico atento.
E o concerto, um mundo cheiroso,
onde até o silêncio é perfume ao vento.



APRESENTAMOS

FORÇOSAMENTE POR BETE PADOVEZE

Professora particular de inglês e tradutora; secretária bilíngue aposentada, com breve atuação como supervisora de comércio exterior; blogueira; participação em Intercâmbio de Grupos de Estudo-IGE da Fundação Rotária na província de Alberta, Canadá; rotariana por 11 anos, com atuação como Relações Públicas do clube e na seleção de candidatos às bolsas de intercâmbio; dois filhos e um neto.



Sorrio não por que estou feliz

Sorrio porque alguém assim me diz

Amo não por impulso e paixão

Amo por lealdade e dedicação

Trabalho não por obrigação e dever

Trabalho por não ter nada a perder

Caminho não por necessidade ou destreza

Caminho já que assim manda a natureza

Como não por fome ou desespero

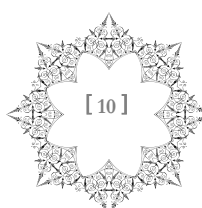
Como e prezo não cair em exagero

Vivo, mas sem pedir aqui cheguei

E sem pedir certamente um dia partirei

Escrevo não porque me vem a inspiração

Escrevo, pois esta será a minha redenção.



APRESENTAMOS

ÁLVARO BONASERA **POR ÁLVARO BONASERA**

Carlos Eduardo é agricultor, e
cultiva apressa pela poesia desde
os tempos de escola.



Álvaro Bonasera

nasceu numa noite chuvosa,
de inverno brabo.

Era o caçula
de cinco irmãos,
filhos do fazendeiro mais rico
da região.

A mãe estranhou
ao dar à luz
a facilidade com que
o menino escorregou para fora.

Tinha o cabelo oleoso
e a pele,
estranhamente, cerosa.

Tarde gelada,
colocaram o menino
a esquentar perto do fogão.

Quando então
o braço da criança acendeu,
formando labareda viva!

Tudo agora
fazia sentido:
o menino era feito vela.

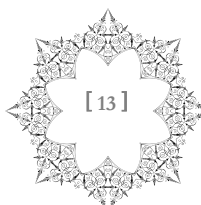
Logo pois
passaram a chamá-lo:
Alvinho iluminado.

Mas com o chegar do verão,
o infortúnio aflorou,
e Alvinho começou a derreter.

Visto que o fim se aproximava,
seus pais resolveram
um último ato com o filho em vida.

Acenderam o toco que restava
e o colocaram
no canto do seu próprio caixão.

Todos choraram
aquela câmara vazia,
cujo dono, ao lado,
finalmente esvaía-se
em uma última gota de parafina.

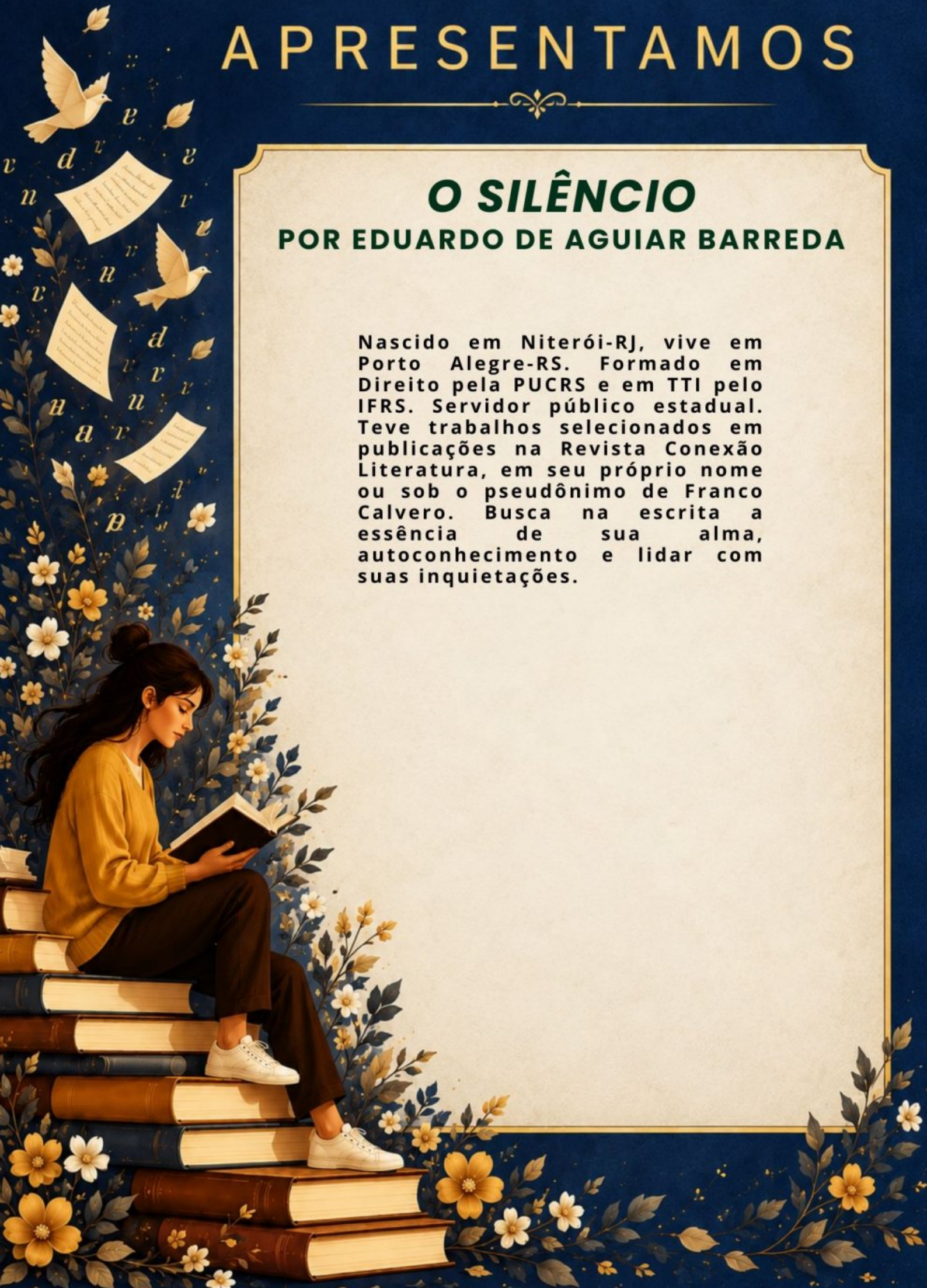


APRESENTAMOS

O SILÊNCIO

POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA

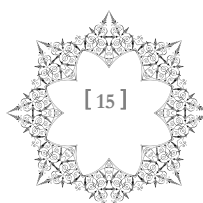
Nascido em Niterói-RJ, vive em Porto Alegre-RS. Formado em Direito pela PUCRS e em TTI pelo IFRS. Servidor público estadual. Teve trabalhos selecionados em publicações na Revista Conexão Literatura, em seu próprio nome ou sob o pseudônimo de Franco Calvero. Busca na escrita a essência de sua alma, autoconhecimento e lidar com suas inquietações.



O silêncio é uma arma potente para os que se calam.
Refúgio aos que se recusam a falar.
Exílio das vozes a abafar.
Destino reservado para quem deseja o esquecimento.

Lacro minha alma, sempre que ferido,
Emudecer é o meu resguardo.
Prefiro isto a suportar o fardo.
E assim, após o tormento, ressurjo em meio ao cineral.

Vivo a me reinventar...
Em permanente formatação.
Sou um eterno rascunho.
À espera de uma definição.



APRESENTAMOS

LIBERTE-SE

POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA

Nascido em Niterói-RJ, vive em Porto Alegre-RS. Formado em Direito pela PUCRS e em TTI pelo IFRS. Servidor público estadual. Teve trabalhos selecionados em publicações na Revista Conexão Literatura, em seu próprio nome ou sob o pseudônimo de Franco Calvero. Busca na escrita a essência de sua alma, autoconhecimento e lidar com suas inquietações.



Liberte-se...

De toda e qualquer crença limitante.

Do ócio incapacitante.

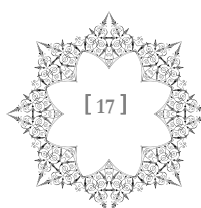
De todo preconceito inebriante.

Só existe liberdade onde há escolha.

Para se ter plenitude nela, não se pode ter encolha.

Liberdade requer desprendimento.

Caso contrário, redundará em arrependimento.

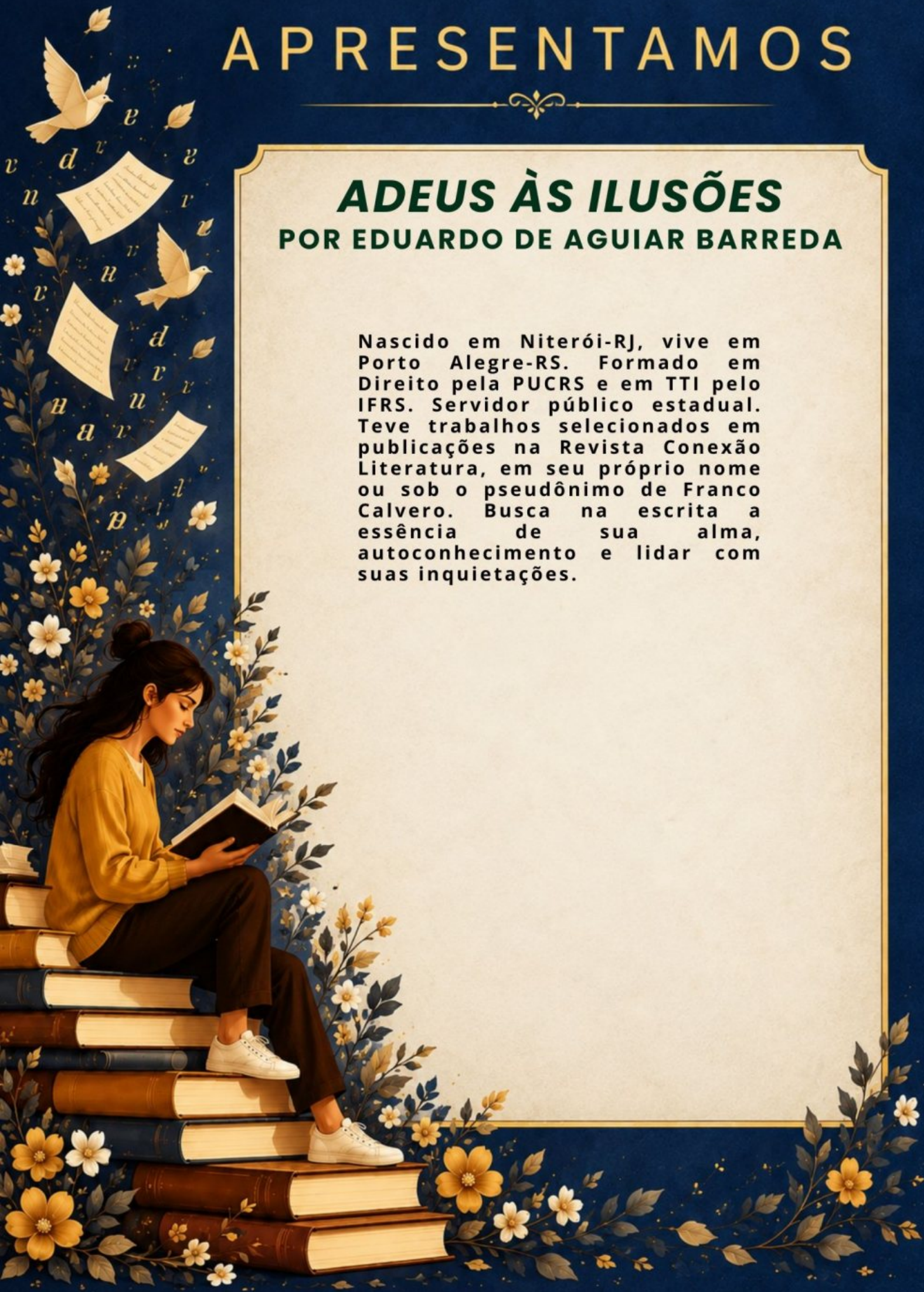


APRESENTAMOS

ADEUS ÀS ILUSÕES

POR EDUARDO DE AGUIAR BARREDA

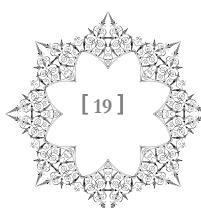
Nascido em Niterói-RJ, vive em Porto Alegre-RS. Formado em Direito pela PUCRS e em TTI pelo IFRS. Servidor público estadual. Teve trabalhos selecionados em publicações na Revista Conexão Literatura, em seu próprio nome ou sob o pseudônimo de Franco Calvero. Busca na escrita a essência de sua alma, autoconhecimento e lidar com suas inquietações.



Quando eu disser adeus às ilusões,
Parte de mim irá a sepultamento.
Pois era regido sobremaneira pelas paixões.
Uma versão será mandada ao esquecimento.

Será o momento para receber a transformação !
Abrir os caminhos para a desejada consagração.
Aceitar todas as imperfeições,
Conviver com todas as contradições.

A arte de ser humano exige total equilíbrio.
Um eterno desdobramento entre devaneio e sanidade,
Acentuada com o avançar da idade.
Somente os bem-aventurados alcançam tal êxito.

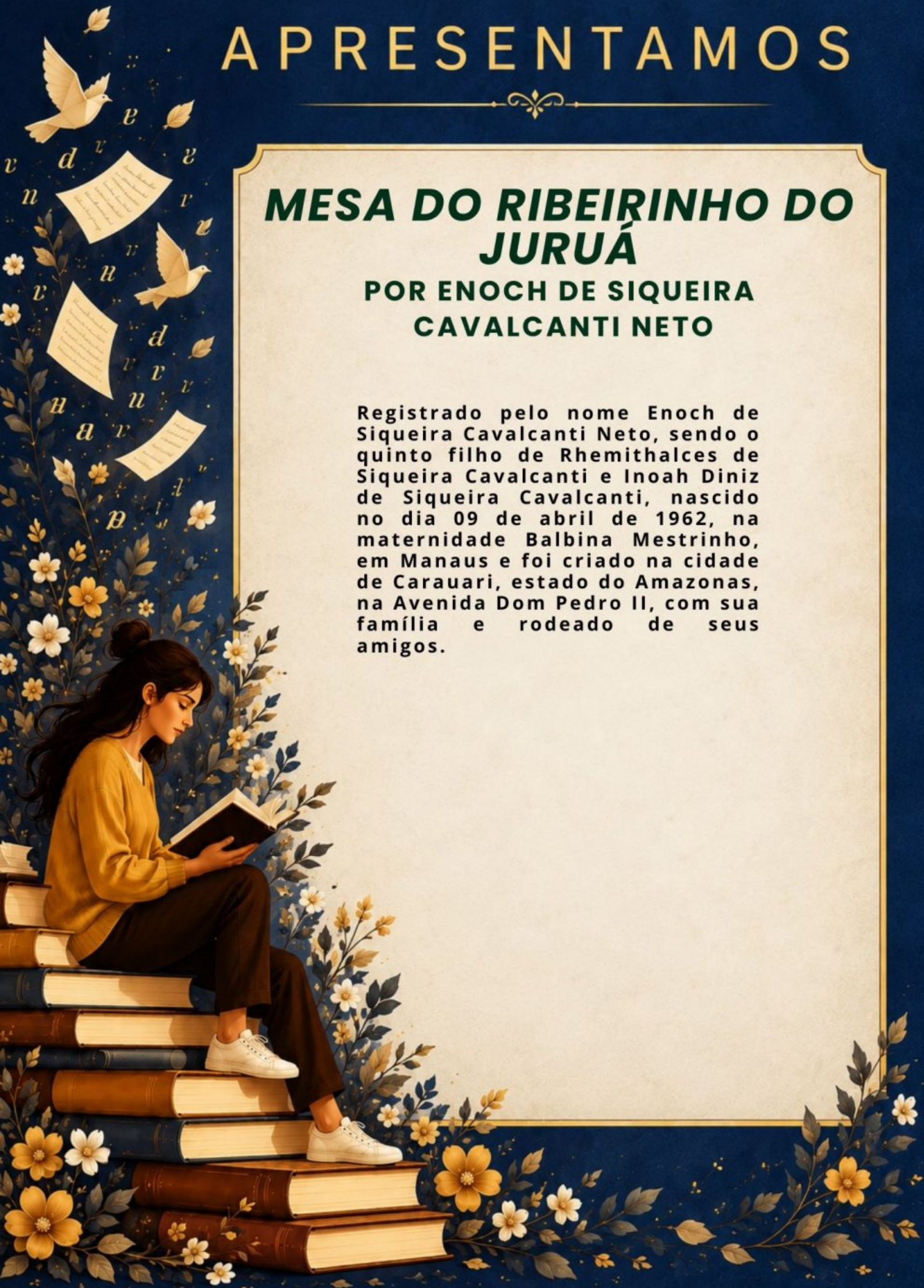


APRESENTAMOS

MESA DO RIBEIRINHO DO JURUÁ

**POR ENOCH DE SIQUEIRA
CAVALCANTI NETO**

Registrado pelo nome Enoch de Siqueira Cavalcanti Neto, sendo o quinto filho de Rhemithalces de Siqueira Cavalcanti e Inoah Diniz de Siqueira Cavalcanti, nascido no dia 09 de abril de 1962, na maternidade Balbina Mestrinho, em Manaus e foi criado na cidade de Carauari, estado do Amazonas, na Avenida Dom Pedro II, com sua família e rodeado de seus amigos.

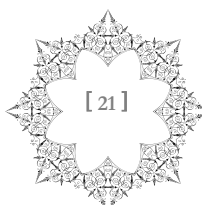


No meu comer não tem mesa:
Os alimentos são servidos no assoalho;
Tem farinha seca e pirão escaldado;
As cadeiras são cócoras, com destreza.

Tem tambaqui moqueado;
No escabeche, tem a pescada;
O tucunaré, na caldeirada;
Que o caldo me deixa suado.

Com o leite da castanha, faço o guisado
Da carne do mato, tão natural
Que para muitos, é o ensopado.

Na sobremesa tem o açai,
Com farinha e açúcar, habitual,
Alimento divino, daqui.

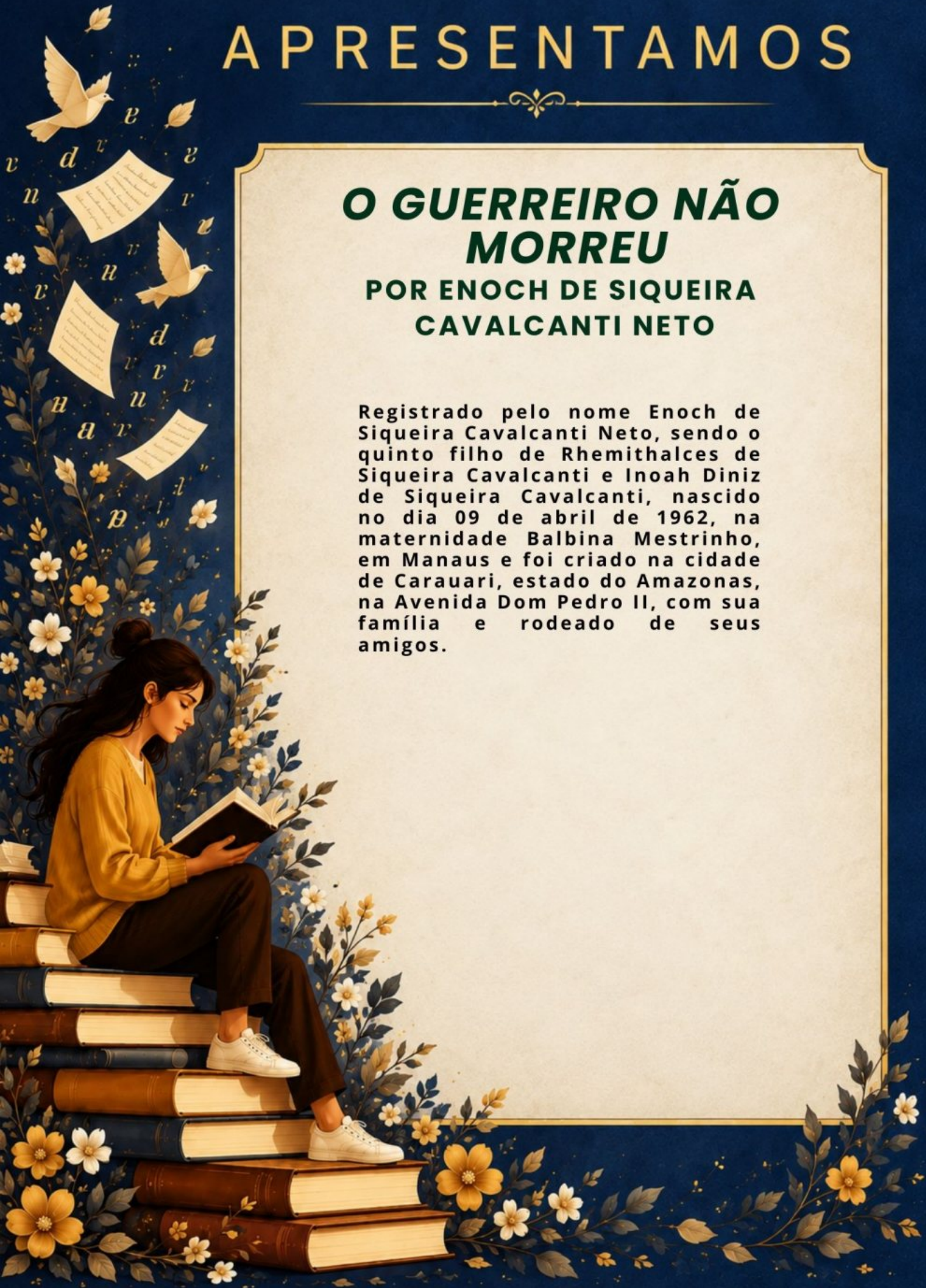


APRESENTAMOS

O GUERREIRO NÃO MORREU

**POR ENOCH DE SIQUEIRA
CAVALCANTI NETO**

Registrado pelo nome Enoch de Siqueira Cavalcanti Neto, sendo o quinto filho de Rhemithalces de Siqueira Cavalcanti e Inoah Diniz de Siqueira Cavalcanti, nascido no dia 09 de abril de 1962, na maternidade Balbina Mestrinho, em Manaus e foi criado na cidade de Carauari, estado do Amazonas, na Avenida Dom Pedro II, com sua família e rodeado de seus amigos.

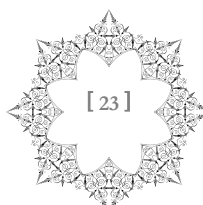


O guerreiro deixou sua marca por onde passou:
Ainda criança, o rechonchudo se tornou o “bolão”;
E durante a competitiva, se fez grande campeão:
Que a História por certo, não o soçobrou.

Como estudante, foi um aluno brilhante;
Ao se tornar professor, um docente ímpar;
Já como edil, um grande parlamentar;
E na governança, um líder fascinante.

Sua passagem terrena foi de lutas e glórias!
Coragem, ousadia, irreverência e determinação,
Está registrado nos anais das memórias.

Porém, numa manhã, início da primavera,
Seu coração hibernou, em prostração
E assim retornou, de ímpeto, à morada eterna.



APRESENTAMOS

O CABOCLO **POR ENOCH DE SIQUEIRA** **CAVALCANTI NETO**

Registrado pelo nome Enoch de Siqueira Cavalcanti Neto, sendo o quinto filho de Rhemithalces de Siqueira Cavalcanti e Inoah Diniz de Siqueira Cavalcanti, nascido no dia 09 de abril de 1962, na maternidade Balbina Mestrinho, em Manaus e foi criado na cidade de Carauari, estado do Amazonas, na Avenida Dom Pedro II, com sua família e rodeado de seus amigos.

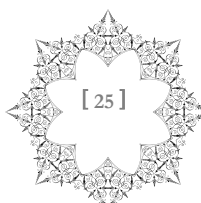


Eu sou a liga de vários povos:
Da cultura real ao imaginário,
Aprendi a cura vinda do herbário,
E com a natureza, aceitar o novo.

Tornei-me caçador, pela proteína animal;
Sou pescador, pela sobrevivência;
Sou agricultor, por aquiescência;
E um reprodutor, sem ser banal.

Sou homem das matas;
Sou homem dos rios;
Que seleciona o que mata.

Tenho muitos predcados, até preguiçoso!
Pelo preconceito, que há muito se alastra
Até que a ignorância não seja um arcabouço.



APRESENTAMOS

SER ESCRITOR **POR ENOCH DE SIQUEIRA** **CAVALCANTI NETO**

Registrado pelo nome Enoch de Siqueira Cavalcanti Neto, sendo o quinto filho de Rhemithalces de Siqueira Cavalcanti e Inoah Diniz de Siqueira Cavalcanti, nascido no dia 09 de abril de 1962, na maternidade Balbina Mestrinho, em Manaus e foi criado na cidade de Carauari, estado do Amazonas, na Avenida Dom Pedro II, com sua família e rodeado de seus amigos.

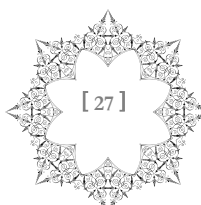


Eu não sei o que é ser escritor;
Eu sei o que ser um observador;
Do tapiri que goteja e precisa da pingadeira;
Para evitar a chuva, na cumeeira.

Das nuvens que anunciam a chuva;
Dos trovões que informam o temporal;
Dos raios cortando os céus, no vendaval;
E da enchente, trazendo a fartura.

Da vazante, apta ao plantio;
Da seca expondo as praias;
E a várzea, no período de estio.

Da luta diária pela sobrevivência,
Do amazônida e ser impingido de indolência,
Quando poucos sabem, de sua onisciência.



APRESENTAMOS

DENTRO DE MIM **POR ENOCH DE SIQUEIRA CAVALCANTI NETO**

Registrado pelo nome Enoch de Siqueira Cavalcanti Neto, sendo o quinto filho de Rhemithalces de Siqueira Cavalcanti e Inoah Diniz de Siqueira Cavalcanti, nascido no dia 09 de abril de 1962, na maternidade Balbina Mestrinho, em Manaus e foi criado na cidade de Carauari, estado do Amazonas, na Avenida Dom Pedro II, com sua família e rodeado de seus amigos.

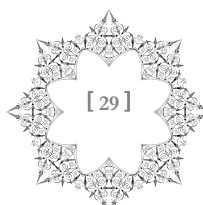


Dentro de mim vive o corajoso mariscador,
Com seu cheiro forte de pitiú;
Com o pixé do porco caititu;
Também vive o desassombrado caçador.

.
Vive ainda o destemido serrador,
E o estivador, com seus passos trôpegos;
Além dos raizeiros que curam, sem apego;
E na idade da pedra, o “roçador”.

Na geração de energia e calor, o lenheiro
Para a cura dos males, as benzedadeiras
E para abrir a colocação, o mateiro.

Na produção de farinha, as raspadeiras
Com cheiro de borracha, o seringueiro
E para lavagem de tudo, as lavadeiras.



APRESENTAMOS

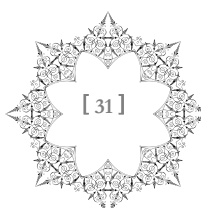
PICOLÉ DE VERÃO POR GABRIELA PEREIRA MENDES

Nascida e criada bem no centro de Minas Gerais, na cidade de Curvelo. É, atualmente, estudante de Letras: Tradução pela UFMG, com ênfase no par linguístico português-inglês.



em suas mãos, eu me derreto,
mancho as suas roupas,
espalho e me grudo em você.
sou tão doce que dá sede,
mas se delicia com o meu sabor.
te custa vir me ver,
ainda me procura todo dia
e não se arrepende de me ter.

o meu sol é o seu sorriso
e a sua boca, meu paraíso final.



APRESENTAMOS

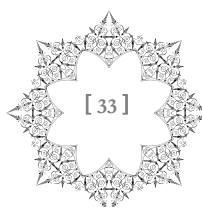
AURORA

POR LILIANY VICTOR MORAIS SANTANA

Liliany Victor Moraes Santana, 43 anos, é natural de Senador Pompeu, Ceará. Graduada em Engenharia de Produção pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e mestre em Administração pela Universidade Potiguar (UnP), é servidora pública federal desde 2013. Casada e mãe de um menino, aprecia a poesia, os versos e a literatura de cordel. Tem na composição poética uma de suas principais formas de expressão, dedicando parte de seu tempo à escrita de poemas.



Linda aurora (5)
Cheiro doce de chuva (7)
Vento que sopra (5)



APRESENTAMOS

DE "MARIA FUMAÇA 821" PARA SANTA EUDÓXIA (SÃO CARLOS - SP) E VICE-VERSA (1893-1962) 1 - ERA UMA VEZ... SANTA EUDÓXIA

POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO

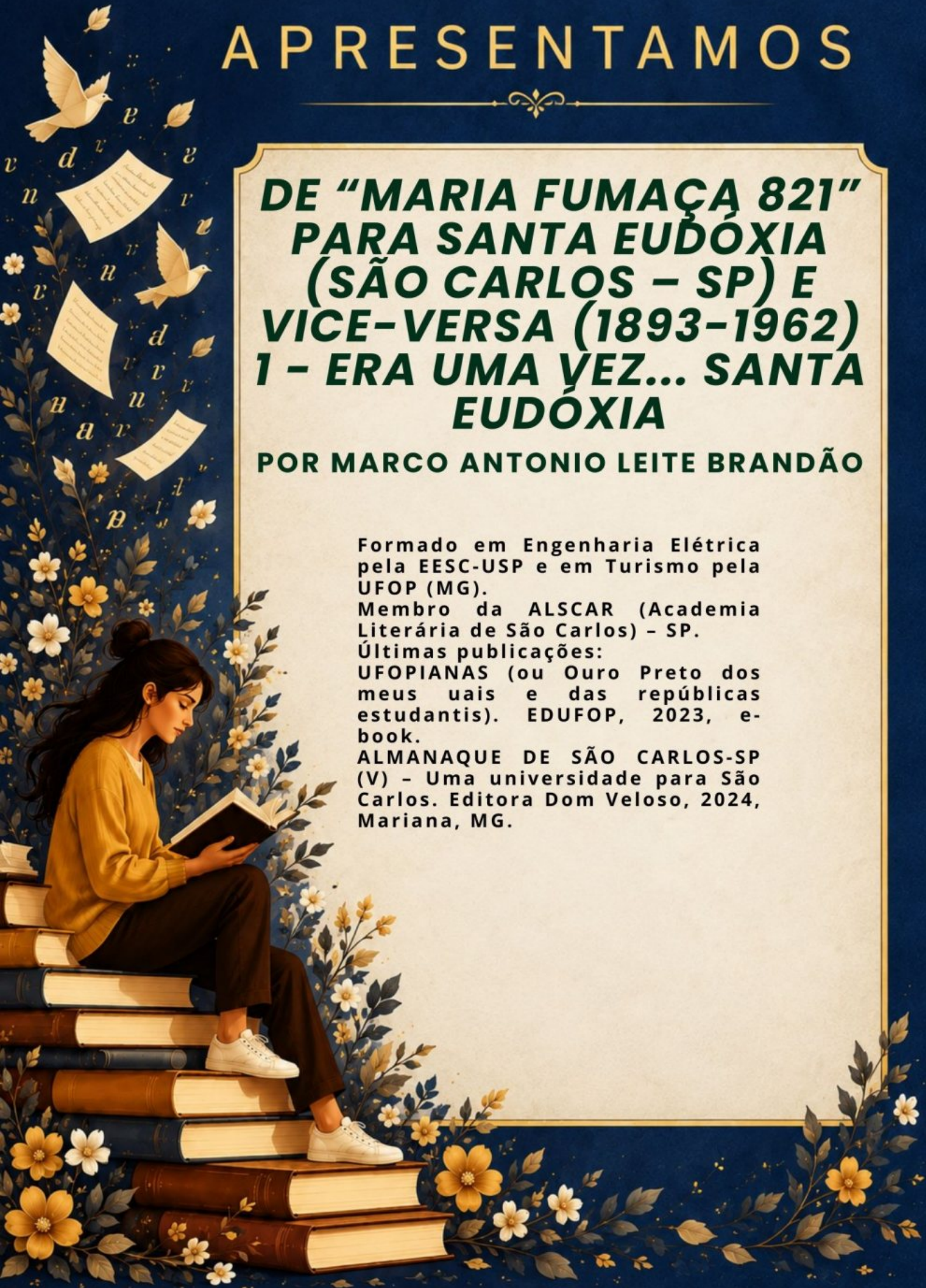
Formado em Engenharia Elétrica pela EESC-USP e em Turismo pela UFOP (MG).

Membro da ALSCAR (Academia Literária de São Carlos) - SP.

Últimas publicações:

UFOPIANAS (ou Ouro Preto dos meus uais e das repúblicas estudantis). EDUFOP, 2023, e-book.

ALMANAQUE DE SÃO CARLOS-SP (V) - Uma universidade para São Carlos. Editora Dom Veloso, 2024, Mariana, MG.



E nossa jornada tem início
Pelos trilhos da imaginação
Na “Maria Fumaça 821” viajamos
Partindo da gare... da estação

Aos áureos tempos do “General Café”
Vigor dos “grãos de rubi e topázio”
E os “Campos ou Sertões de Araraquara”
Sob a “Onda Verde” da “planta de Átila”

Primeiro... basta compilar a toponímia
Que ilustra a seara de Santa Eudóxia
Encontram-se impressões digitais
Ecos... sim! De nossos ancestrais

Aborígenes em tempos pré-coloniais
E eis o majestoso “Rio Mogi-Guaçu”
Que afinal... é... “Rio das Cobras”
Ou... “Grande rio que serpenteia”

E... humílimo... flui o “Córrego Itararé”
“Pedra que o rio cavou”... na verdade
Testemunha adâmica da fazenda e da urbe
Servindo logo adiante o “Rio Quilombo”

Quem sabe até um nicho quilombola
Teria existido ali... junto à cachoeira
Ainda no período colonial
Antes da vinda da Família Real

Como evocam alguns cronistas...
E desponta “Ribeirão dos Negros”

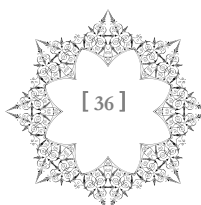
Para incendiar nosso devaneio:
Santa Eudóxia... Mama África!

E um espigão divisor entre os dois
De um lado, o império do “Rio Tietê”...
Drenando as águas do “Jacaré-Guaçu”
Afluente do “Monjolinho” e este do “Gregório”

(Que atravessam a sede do município)
O reino do “Rio Mogi-Guaçu”... por sua vez
Tributário do Cabaceiras e do Araras
Em canoros nomes indígenas

Umbilicais... nomeiam flora e fauna
Palavra-mel batizando a natureza
Essa musa de Alfredo Bergamo
(Normalista da turma de 1932)

Destilando em “delicioso panteísmo”
Em um poema de escol se pôs
A cantar-louvar esse Adamastor
(E que, em forma de soneto, compôs)



An illustration of a woman with long dark hair in a bun, wearing a yellow sweater and dark pants, sitting on a tall stack of books. She is holding an open book and looking down at it. The background is a dark blue night sky with white stars, white birds, and falling white papers. The bottom of the image is decorated with yellow and white flowers and green leaves.

APRESENTAMOS

DE "MARIA FUMAÇA 821" PARA SANTA EUDÓXIA (SÃO CARLOS – SP) E VICE-VERSA (1893-1962) 2 – ERA UMA VEZ... SANTA EUDÓXIA (2)

POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO

Formado em Engenharia Elétrica pela EESC-USP e em Turismo pela UFOP (MG).

Membro da ALSCAR (Academia Literária de São Carlos) – SP.

Últimas publicações:

UFOPIANAS (ou Ouro Preto dos meus uais e das repúblicas estudantis). EDUFOP, 2023, e-book.

ALMANAQUE DE SÃO CARLOS-SP (V) – Uma universidade para São Carlos. Editora Dom Veloso, 2024, Mariana, MG.

Os olhos em incêndio
Duas chamas queimando
No calor de emoção tanta
Que, ao percebê-la, nos acende
E a adrenalina o sangue alimenta:

A “Casa Grande & Senzala da Fazenda Santa Eudóxia”

Tempo... assim... congelado
Como se ao eterno retornando
Para os idos de setenta e quatro
Do século africano da rubiácea
Os “Sertões de Araraquara” varrendo:

A “Casa Grande & Senzala da Fazenda Santa Eudóxia”

A gesta dos Cunha Bueno
E Alfredo Ellis... e Ellis Jr.
A alimentar o binômio freyreano
Com o bandeirante cheiro e sabor
das cerejas... “grãos de rubi e topázio”:

“Casa Grande & Senzala da Fazenda Santa Eudóxia”

Tempos do mercado... do Valongo local
Tecendo um longo cordão umbilical
Entre a baiana Caetité e São Carlos do Pinhal
Comércio negreiro faminto em um mar-sertão
Dos comboios que à Província da Bahia nos ligou:

A “Casa Grande & Senzala da Fazenda Santa Eudóxia”!

Dezoito janelas... dezoito-mil-olhos
Lobatiano megatério em colina cravado
Que do alto consome o *verdeoceano* espelho
Porto seguro em alicerce de pedra ancorado
Paralelepípeda forma e tensão que o poder informa:

A “Casa Grande & Senzala da Fazenda Santa Eudóxia”

Que “as mãos e os pés” e suas digitais
De fadigas e rumores e temores e tremores
A brisa nos evoca como caixa de ressonância
Escada abaixo dorme a senzala e seus humores
Vidas em cada fresta, em cada passo, em cadafalso:

A “Casa Grande & Senzala da Fazenda Santa Eudóxia”

Êh! Luís Gama! Êh! Antônio Bento!
Êh! Anastácia, que pelas outras janelas espia!
Que há corações palpitando em cada aposento
Será de Miguel ou de Joanna? Será de Maria?
E a língua dos confeitos que até a Corte extasia?

A “Casa Grande & Senzala da Fazenda Santa Eudóxia”

Africana fruta da planta de Átila
Que suga o úbere farto da terra roxa
E o seio e o suor da mucama preferida!
No terreiro... imensa língua a preparar baga
Para os Cafés de Londres ou Paris ou Amsterdã!

A “Casa Grande & Senzala da Fazenda Santa Eudóxia”

Acima do jardim par ao pomar
Doce capela com primoroso altar
Mas a tulha e a casa das máquinas
Traduzem um estômago de Pantagruel
Assaltam os olhos e incendeiam as retinas:

A “Casa Grande & Senzala da Fazenda Santa Eudóxia”

Chão denso de húmus e história
E Quilombo era o nome da Sesmaria
E Eleutérios e... quilombolas na cachoeira (?)
Nos setecentos... que o “Ribeirão dos Negros” era...
Antes dos santos e santas denominarem essas terras

A “Casa Grande & Senzala da Fazenda Santa Eudóxia”

E a “Engenho Novo” e a “Felicíssima”...
“Santa Maria”... “São Joaquim” e “Itapiru”...
“São Roberto”... “Santo Antônio” e “Itaguaçu”...
“Fazenda do Salto”... “Santa Rufina” e “Pinhal”...
“Babilônia”... “Quebra-Canela”... “Mello” e “Palmital”...

A “Casa Grande & Senzala de São Carlos do Pinhal”!

Então... nicho urbano de Santa Eudóxia
Por Filémon Pérez “photographada”
(Em raro Almanaque perpetuada)
Sim! emerge e exulta burgo vibrante
Banhado pelo “Córrego Itararé”
Imagens que comovem toda gente

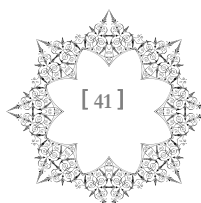
E pelas asas da imaginação
Empreende-se uma travessia
Por tuas primeiras vias:
Rua 13 de Maio... Rua do Comércio

Rua da Estação... Largo da Matriz
Rua Floriano Peixoto... Rua Tiradentes
Rua do Centenário e... hélas!
... Rua da Liberdade

E eis que divina e providencialmente
Esse oriundo de Andaluzia... Filémon Pérez
Produziu “photos” que hoje nos comovem
E nos incendeiam... coração e íris

Que estão presentes nos velhos Almanques
Que a retiram do atroz esquecimento
Nelas... constata-se o vigor e o pique
Que as imagens revelam cabalmente

Ah! E esses registros dos estudantes
(Haveria por aí algum descendente?)
Que nos olham e nos atravessam
Radicais como o tempo... *agostinianamente!*



APRESENTAMOS

DE "MARIA FUMAÇA 821" PARA SANTA EUDÓXIA (SÃO CARLOS – SP) E VICE-VERSA (1893–1962) 3 – ERA UMA VEZ... MARIA FUMAÇA-821 (1)

POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO

Formado em Engenharia Elétrica pela EESC-USP e em Turismo pela UFOP (MG).

Membro da ALSCAR (Academia Literária de São Carlos) – SP.

Últimas publicações:

UFOPIANAS (ou Ouro Preto dos meus uais e das repúblicas estudantis). EDUFOP, 2023, e-book.

ALMANAQUE DE SÃO CARLOS-SP (V) – Uma universidade para São Carlos. Editora Dom Veloso, 2024, Mariana, MG.



Ah! essa Santa Eudóxia das “photographias”
Com PH sim senhor!... que era assim
Que se grafava antigamente
No escrevinhar daquela gente

Ah! Santa Eudóxia... de nosso espanto
De feraz solo... (tanto que até
A “velha Albion” sorveu de seu fruto
E capitalistas ingleses adquiriram o ramal)

No calendário o mês de setembro
Ao correr do ano de 1893
Dia 20 mais precisamente
Que esta efeméride teve vez

Eis que se erige a célula-mater
De um burgo... logo fremente
Régua e compasso: Rua da Estação
Pela CPEF a inauguração se fez

Sim! foram os “grãos de tupi e topázio”
Iguaria seleta da casa real vitoriana!
Frutos da terra roxa do Quilombo...
Que a trouxeram para Santa Eudóxia

Entre o “Quilombo” e o “Araras”
Par ao escoar das águas
Que... correm quase paralelas
E tributam-se ao “Mogy Guaçu”

Mediterraneamente... fez-se curso
Implementou-se o percurso
Fixaram-se trilhos e dormentes
Da via férrea... que sinuosamente

Num deslizar feito serpente...
Primeiro o ramal até Água Vermelha
Ano depois em Santa Eudóxia
Sendo inaugurada solenemente

A célula matriz do burgo nascente
E São Carlos emergindo num impulso
De “espírito yanque”... (exultou jornalista
Do “Correio Paulistano” aqui visitante!)

Ah! Que sorte a nossa nesse tema
Pois conhecemos pessoalmente
Um maquinista que a “oito dois um”
Conduziu pelos idos de 1951-1952

Então fumegante Maria Fumaça
Ramal São Carlos – Santa Eudóxia
Bem depressa... bem depressa... piuí
Nos versos do (também) poeta

E do atento maquinista...
Vicente Ferreira seu nome
Pelos trilhos da saudade
Café com pão... café com pão

Passa Babilônia... e Floresta
P’ra trás Canchim... e Água Vermelha
Café com pão... café com pão

Passa Ararahy... e Alfredo Ellis

P’ra trás Alfredo Ellis... e estação final

Café com pão... café com pão

Pelas luzes da memória

Dos caminhos-trilhos de outrora

E então... o ocaso de uma gesta

Em quatro décadas e meia escrita:

“Um erro nosso e o drama do arroz”

O fim da “via crucis” do Senador Ellis

Em balcões londrinos da “Brazilian Warrant Cy”

E fantasmas... e memórias... os novos hóspedes

Helàs!... da ainda sobrevivente “Casa Grande”

A cavaleiro de colina fundeada... fortaleza

Preservada... sede da “Fazenda Santa Eudóxia”...

Com fáustico espectro e imponente presença

...como um uivo congelado no vácuo!!!

Enfim... como dizia Ernesto Abbt

São Carlos... na verdade

Cresceu sobre trilhos

Os da “Cia Paulista de Eletricidade”

Que integravam a cidade

Pelos seus três itinerários

Que se cruzavam no “Largo da Estação”

E os da Cia Paulista de então

Que integravam o Município

Com o ramal até Santa Eudóxia

E o tronco principal à Capital

E o tronco principal ao sertão

O ano é 1952... 24 de maio

Presentes Elpídeo Reali

(Secretário da Segurança Pública)

E outras autoridades do Estado

E da cidade então mobilizada...

Entre a Estação Ferroviária

E a urbe distribuída ao fundo

A nova Estação Rodoviária

Com toda a pompa e solenidade

Inaugura um novo cenário

Visto agora de seu mirante...

Que os trilhos... na verdade

Logo estariam sendo recolhidos

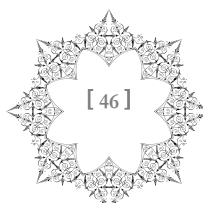
De São Carlos... de... São Paulo...

E do País... era a nova realidade

Pela fita simbólica revelada

E os bondes... certamente...

Trafegavam... desconfiadamente!!!



APRESENTAMOS

DE "MARIA FUMAÇA 821" PARA SANTA EUDÓXIA (SÃO CARLOS – SP) E VICE-VERSA (1893-1962) 4 – ERA UMA VEZ... MARIA FUMAÇA-821 (2)

POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO

Formado em Engenharia Elétrica pela EESC-USP e em Turismo pela UFOP (MG).

Membro da ALSCAR (Academia Literária de São Carlos) – SP.

Últimas publicações:

UFOPIANAS (ou Ouro Preto dos meus uais e das repúblicas estudantis). EDUFOP, 2023, e-book.

ALMANAQUE DE SÃO CARLOS-SP (V) – Uma universidade para São Carlos. Editora Dom Veloso, 2024, Mariana, MG.



E a “Maria Fumaça” altaneira
Serpenteando pela serra
Desde 10.09.1893 até 12.02.1962
Por fim... último apito suspira

Ah! São Carlos... que dias aqueles
Para os bondinhos da CPE... ponto final!
Para o ramal da CPEF... ponto final!
A São Carlos erigida sobre trilhos

Ah! Era uma vez... era uma vez
E então... dois anos depois
O último giro do “virador” se fez
Viagem e cargas “sobrenaturais”

Da velha urbe do Itararé partiram
E passo a passo trilhos arrancados
E os dormentes retirados
Um vazio ficando para trás

Até a gare de São Carlos
“5 letras que choram”... adeus!...
Aquela sensação de nunca mais
Tal Carlitos... lá em... 1936!

Piuí... piuí... lá vem o trem
Sem passageiros... vem agora
Incendiando-nos a memória

Piuí... piuí... lá vai o trem
Sem passageiros... vai embora
Trilhando pela história

E agora... nos dias de hoje
Na *amplimensa* plataforma
Memorial da “oito dois um”

Convoca-nos as retinas
Que magia encerra
Velha locomotiva a vapor

Mesmo assim... velho trem
Viajas pelas galáxias
De nossa imaginação...

Mesmo assim... velho trem
Iluminas as vias
De nossa emoção...

Mesmo assim... velho trem
Trafegas pelos trilhos
Que já não existem mais

Mesmo assim... velho trem
Percorres as estações
Que ficaram para trás...

O nome da praça é “Antonio Prado”
Que o povo deixou de lado
E de “Largo da Estação” é chamado!

Foi célula-mater no passado
Centro dinâmico da cidade
Ponto de encontro dos bondes

Teve status... dias de glória
Tempos em que a “Cia Paulista”
Injetava o sangue novo diário

Como se fosse uma colmeia
Abelha-rainha das fábricas ao redor
Naquele baluarte a cidade convivia

Foguistas... maquinistas... motoneiros
Viajantes... autoridades... operários
Gente pra todo lado... um formigueiro

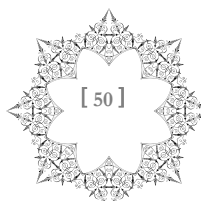
Especialmente naqueles horários
Quando chegava a composição
Incendiando a plataforma e o coração

De toda a população na espera
De gentes... de todo canto...
De uma paixão a regressar aos braços

Ou que então partiria...
Acenando o último adeus
O mundo ali se refletia

Hoje não há mais esse cenário
Vez em quando um aposentado
Arrisca uma viagem ao outrora

A “Maria Fumaça 821” na gare
Espelha o tempo que se encerra
Nesse verso de ir embora ...



APRESENTAMOS

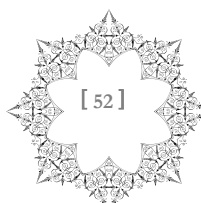
REPUTAÇÃO

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Sufoque os acontecimentos.
Apague momentos.
Mostre o quanto é superior.
Faça tudo para afastar a reprovação social.
Troque um favor
por um motivo banal.
Você não pode perder.
Ficará preso no carrossel,
pagando aluguel
às pessoas que mantêm seu poder.
Abafe o caso a todo custo
para manter sua posição.
Ganhe seu troféu de astuto.
Faça uma estátua que eternize sua reputação,
erguida sobre o túmulo de quem você não gosta,
para manter as aparências e ganhar a aposta.
Ah... reputação...
Confesso a você que já não a tenho mais.
Talvez nunca a tenha tido e não a tenha jamais.
A sociedade é ingrata
e maltrata quem não a tem.
Mesmo assim, não sinto falta.
Estou bem.
Enquanto você passa por cima de pessoas
para mantê-la,
penso que devemos nos preocupar em fazer coisas boas,
sem ter medo de perdê-la.
Ela é algo terreno e passageiro
que alguns comprem com dinheiro.
Uma casca sem importância e valor,
pois o que vale é o que carregamos no interior.

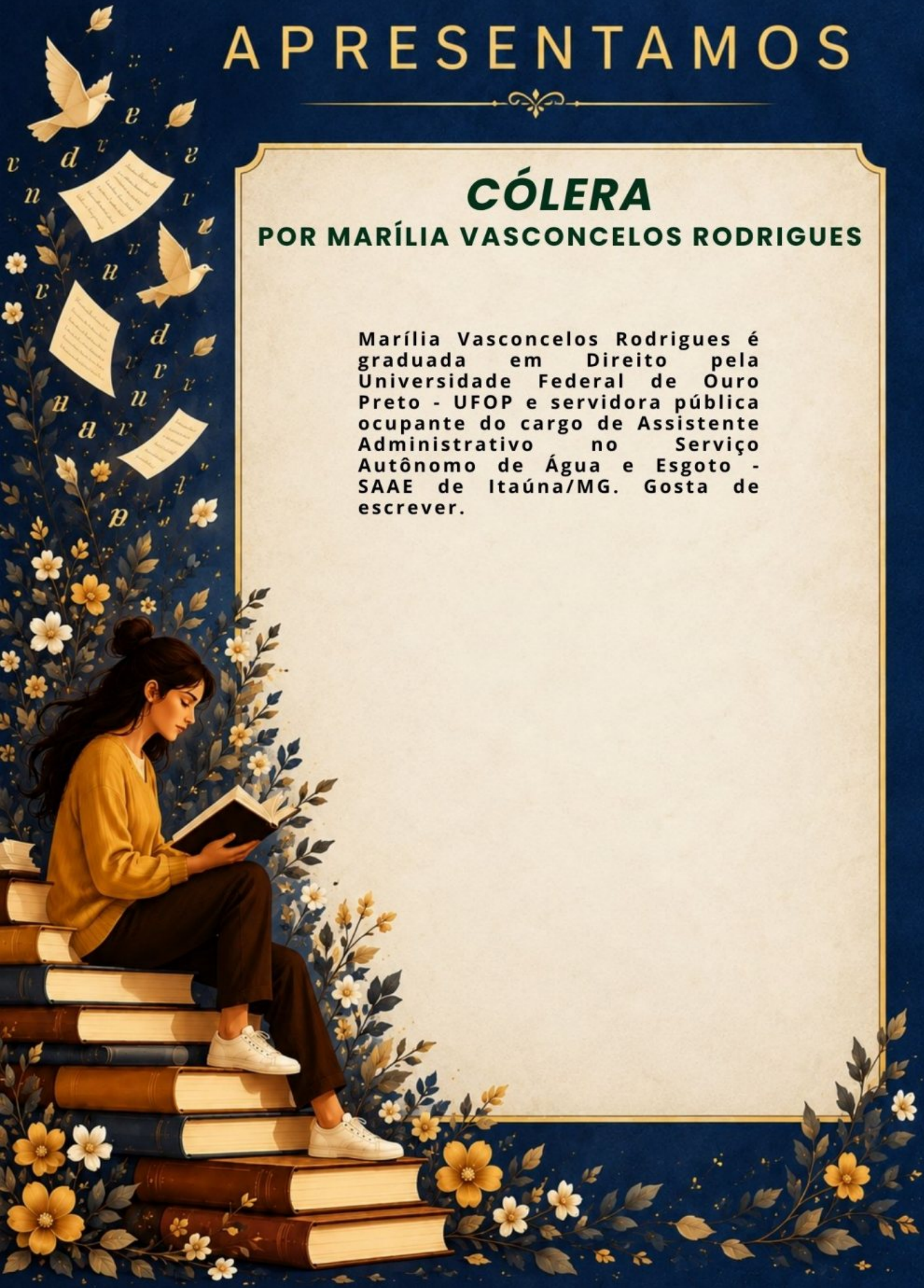


APRESENTAMOS

CÓLERA

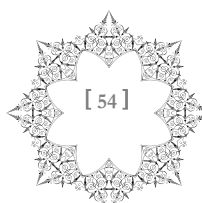
POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Era um vaso de flores
que se quebrou
perdeu as cores
tudo murchou
e se transformou em dores.

Ficou o vidro estilhaçado
o veneno enraizado
o ódio derramado
o rancor generalizado
a ofensa declarada
o sentimento corroído
a raiva entranhada
o corpo consumido
a harmonia despedaçada
o olhar enfurecido
a paz rechaçada
a visão escurecida
a imagem distorcida
a mão estremecida
a sala desarrumada
e a alma partida.



APRESENTAMOS

DOMADOR DA DOR **POR MARISE CRISTINA RÊGO BRITO**

Marise Cristina Rêgo Brito, artisticamente conhecida como Marise Rêgo, é escritora, poeta e trovadora maranhense. Graduada em Pedagogia, dedicou sua trajetória à educação pública e à literatura. É autora de Mar de Poesias e integrante do Coletivo de Escritores Maranhenses (CEM), da Academia Maranhense de Trovas (AMT) e de outras instituições literárias. Sua escrita é marcada pela sensibilidade, lirismo e valorização da experiência humana.



Hoje tem espetáculo?
Tem sim senhor!
E o palhaço quem é?
É o domador da dor
Aquele homem que de rosto
Pintado, multicolorido tantas vezes
Consegue maquiar a dor e equilibrar
Com maestria as angústias sentidas

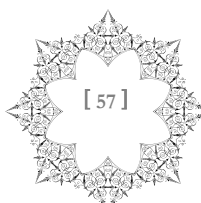
A função do palhaço esteja ele
Como estiver, é devolver ao seu
público a alegria extraviada pelas
emoções potencializadas, que tantas
vezes nos deixa aéreo e sem chão
o palhaço em determinados momentos
É um grandioso remédio, ele nos tira do tédio

O palhaço mesmo que esteja dramatizando
Uma alegria com nuances de tristeza
ele consegue extrair de tantos lábios
um sorriso vencido pela arte de fazer sorrir
O palhaço é um profissional gabaritado
Em equalizar as emoções e trazer conforto e
encanto a corações angustiantes que por instantes
se desprendem da dor

Quantas vezes nos palcos da vida
Com o rosto borrados pelas lágrimas
imperceptíveis, está ali o palhaço sorrindo
E chorando numa maquiagem humanamente
Camuflada, pois o que cura a dor de um CLOWN
É a autêntica alegria da criançada

Só o palhaço sabe como ele vai para o circo
ou para o chão por ele esperado
As vezes chega sem vivacidade, com a alma desbotada
e fraqueja a ponto de decepcionar a plateia
A aflição de um palhaço é sempre impensada
Quantos dissabores são expressos em uma
Disfarçada gargalhada

De tanto nos fazer sorrir, nem imaginamos que
ele também tem condolências no seu existir
não é fácil fazer alguém sorrir enquanto o coração chora
o peito infla de dor palhaço também chora
a vida não é só humor

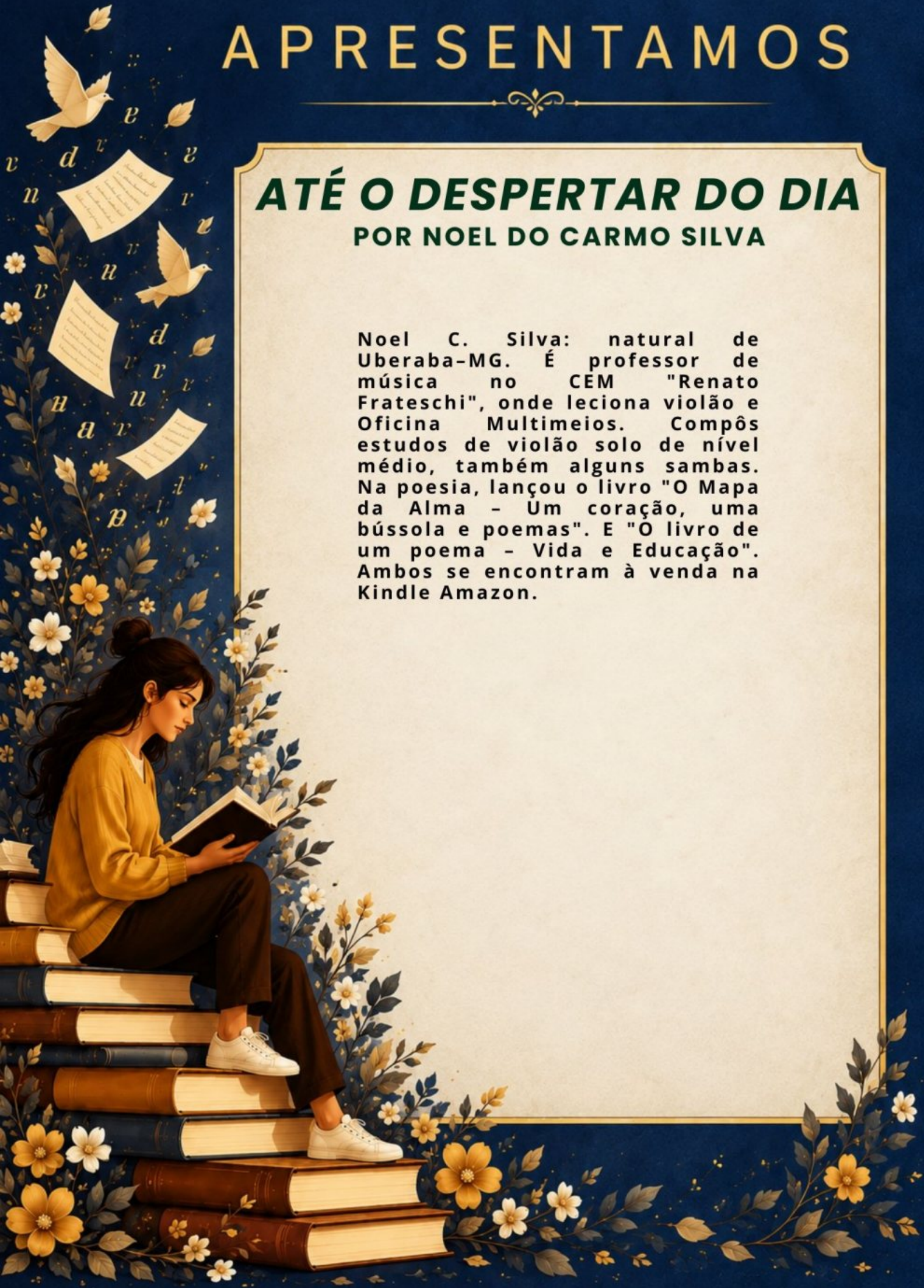


APRESENTAMOS

ATÉ O DESPERTAR DO DIA

POR NOEL DO CARMO SILVA

Noel C. Silva: natural de Uberaba-MG. É professor de música no CEM "Renato Frateschi", onde leciona violão e Oficina Multimeios. Compôs estudos de violão solo de nível médio, também alguns sambas. Na poesia, lançou o livro "O Mapa da Alma - Um coração, uma bússola e poemas". E "O livro de um poema - Vida e Educação". Ambos se encontram à venda na Kindle Amazon.



Em uma noite clara, estrelada,
Cheia de encantos e critérios,
Grandioso silêncio na madrugada,
E a vida seguia em seus mistérios.

A manifestar sua beleza natural;
A cidade dormia tranquilamente.
E olhos solitários, simplesmente,
Admiravam a harmonia sideral.

Extasiados com o piscar das estrelas,
A compartilhar seus brilhos na noite,
Olhos curiosos seguiam em pernoite.
A perfeita sintonia do brilho entre elas.

A revelar a beleza da musicalidade,
No ritmo exuberante de cada brilho:
A melodia silenciosa, universalidade,
Em contraste com o trem sobre o trilho.

Ao pé da montanha, ele serpenteava,
Espantando o silêncio com seu apito,
A despertar os bichos com o seu grito,
Pela madrugada, a ressoar, ele passava.

E sumia no meio da noite profunda,
Sob o brilho das estrelas, penetrantes.
Na noite vai o trem, some e se afunda,
Silencioso, e no lago refletem brilhantes.

Ornamento solitário é o sorriso da lua,
Despertando a inspiração dos poetas.
Neste universo da poesia, a vida atua,
A conduzir as almas que estão despertas.

A escrever os versos de suas visões,
A falar da vida e daqueles que dormem,
No sono profundo de todas as distrações.
Quase não havia repouso naquele trem.

Que tanto incomoda o sono do homem?
Na madrugada vazia de bons sonhos,
Nos minutos de agonia ante os punhos,
A conduzir as horas que no dia contém.

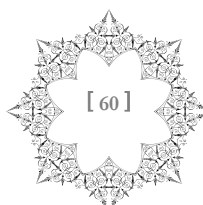
O amanhecer brilhante de belo dia de sol,
Por detrás da montanha, vem a graciosa,
Surgia a poderosa luz, bela, luminosa,
A despertar aves cantoras e o rouxinol.

Para alegrar o novo dia e os corações,
Dos que sonham acordados ao meio-dia,
Sob os calores intensos de suas paixões,
A impulsionar a vida no peito que ardia.

Pelo desejo de suas belas realizações,
A compor as letras e também as canções,
Pela melodia ajustada aos belos versos,
Na poesia da música, em seus universos.

Canta a vida noturna de todas as estrelas,
A expressar a vida no universo da poesia,
Humanizam os sentimentos pelas janelas,
No giro pela noite até o despertar do dia.

—



APRESENTAMOS

FLOR

POR PÓ ET SOMBRA (FLAVIO JOPPERT)

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



“mas nunca deixei de te amar”

Rumo ao Eldorado
o destino esconde
da felicidade o local

Te achei flor
e a colhi ao coração
dei te d`água e carinhos

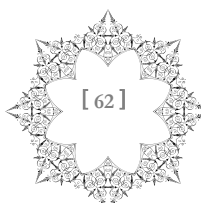
Cresceu, bela e vicejante
mas transforma-se
numa planta carnívora

Agora se suja
d`sangue e carniças
das vítimas que despedaças

Soprou o vento
levando suas pétalas
como brisa da morte

“adeus”

(mesmo sendo uma flor que se transformou num monstro, exatamente por ter sido colhida,
o poeta não deixa de amá-la, e nem por isso é ele quem a destrói)



APRESENTAMOS

ESPERANÇAR COM A POÉSIA

POR RITA DE CÁSSIA ZUIM LAVOYER

Rita de Cássia Zuim Lavoyer é da cidade de Araçatuba. Formada em Economia e Mercado, Letras e Gastronomia (Salesiano e Unitoledo | Araçatuba). Pós-graduada em Estudos Literários e Linguística (Unesp-Araraquara) e Psicopedagogia (Unitoledo). Poeta, contista, cronista e cordelista com curso de extensão universitária em Literatura de Cordel pela UANE - da Fundação Demócrito Rocha, Fortaleza, CE. Com 11 livros publicados: 9 infantojuvenis, 1 de contos e 1 de poesias. Até o presente conta com 122 classificações em concursos literários nacionais.



Poeta, cumpre o teu destino!
Concretiza-me na figuração da tua linguagem.
Ainda que tremas com as palavras em ação,
veste-me com a roupagem da tua emoção:
abstrato que se faz presença.

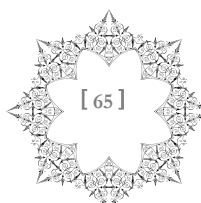
Poeta, o amanhã está na obra
que desejas construída.
Meu alicerce é a tua palavra,
esteja nela fechada ou aberta a ferida.
Poeta, ainda que velha,
torna-me criança;
renova-me a cada dia
na fênix da tua esperança.
Acalenta minha aurora
em cada cinza fria.
Poeta, cumprida tua missão,
decreta-me em teu verbo.
Aos teus, leva esperança comigo.
Confiante, serei, no caos,
abrigo e amante,
como bênção aos justos prometida.
Faze-me, pois, do teu labor nascida.

Poeta, neste parto sou utopia:
fruto da tua luz.
Quanto mais no teu peito a dor se alastra,
à beleza, muito mais faço jus.

Nas possibilidades dos extremos,
serei engajada, marginal, voz da minoria,
do teu cotidiano, instrumento social.

Fecundos, esperançaremos:
haverá para todos um lugar no mundo!

Oxalá me tomem
como remédio às suas letargias.
Sou teu estro, meu astro.
Nomeia-me: Tua Poesia.



APRESENTAMOS

AQUECIDA EM FOGUEIRA ESTELAR

POR ROSA CANCIAN

Maria Rosa Pereira Cancian, nascida em 22 de agosto de 1967 em Colatina / ES numa família de tradições e práticas católicas. Cresceu em meio a ladainhas, novenas, rosários, missas e todos ritos litúrgicos da religião. Aos nove anos a família sai em busca de melhores condições de vida para Eunápolis/Ba, onde reside até a os dias atuais (2026), sendo professora de História desde 1985.



Dentro o céu de púrpura poalha
Não havendo o aconchego lunar
Acendemos nossa fogueira
Na casa que é agora estelar.

Não é mais o velho planeta
O local que por tempo habitei
De lá me exilaram
Por merecimento, não sei.

Vivendo no diverso universo
Estou em orbe intermediário
Saltito cantante e profundamente
Esse trajeto novo é extraordinário.

Oh luz que difere o antigo viver
Estou em erma calmaria
É tempo de delonga e de alma
Nesta suposta escadaria.

Escadaria, pois sinto a subida
A alma evolui, eu nem suspeitei
Dou graças à nova morada
Aos et's, extra terrestres me arrebanhei.

Aragem que sopra o silêncio
De um orbe que nada procrastina
Mas o calor, um bem de outrora
É o abraço de que nem se atina.

O vendaval, ventania ou rajada
É uma 'era' que digo andante

Reverbera o som da nossa voz
Em meu peito aqui pulsante.

Todavia, o crepúsculo
H²O cândido, cristalino
Me ampara, acolhe, defende
Distancia qualquer espinho.

A bravura na ternura ancora
Deixando o lamento a regozijar
A lareira, querida confidente
Restaura a contrição ao espiar.

Ásteres de agrupamentos diversos
Vislumbrando a cata aerea
Persistindo a caça ao alto
Com sede de vida etérea.

A fogueira, minha cúmplice
Esgota todo o medo do novo luar
Destranca o território
Para o novo habitar.

A alma sempre discreta
No obscuro sigiloso
Jaz dançando em poesia
À sombra do luminoso.

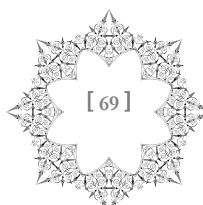
E inflama o meu íntimo
Faz o torso ressurgir
Causando uma faísca
Sofreguidão de existir.

Existo distante por hora
De onde pensei finitude
Porém o alento de agora
Me constitui plenitude.

O sopro que bafejava lá na terra
Refrescante e por vezes violento
Nesse cenário só refresca
Mesmo na fogueira, não é truculento.

Despreso a distancia do lar original
Nem o planisfério da vastidão
Que desenha o universo
Faz lembrar-me do antigo chão.

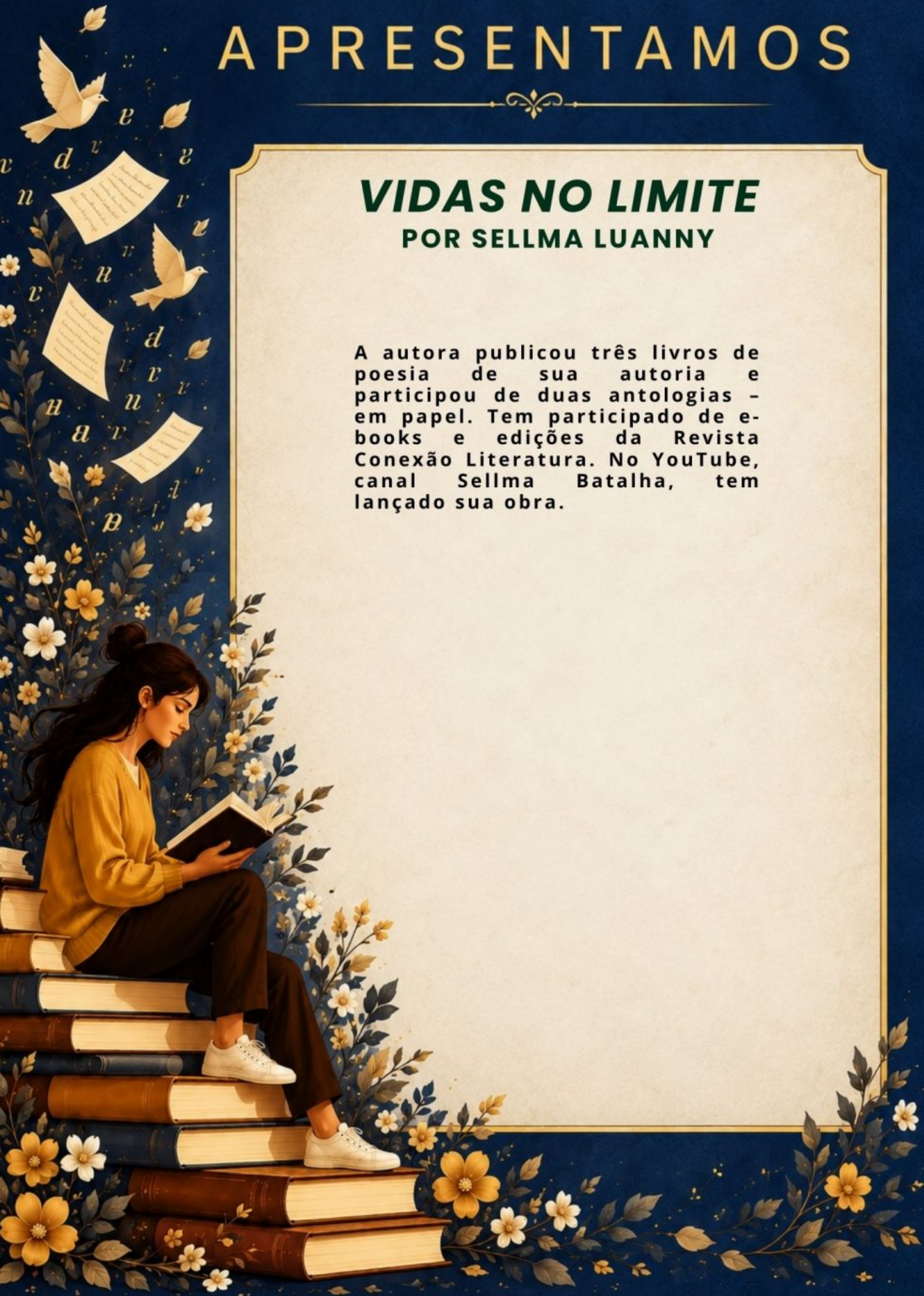
Ateiei brasas na surdina
Para à noite, divertida eu ficar
Antiga casa estrelada
Aqui nesse cosmos, como será?



APRESENTAMOS

VIDAS NO LIMITE POR SELMA LUANNY

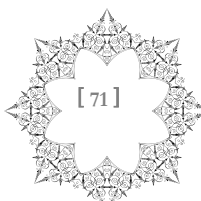
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



Suportando o insuportável
mascarado de suportável...
E sem criador ou inventor
a desconhecida e torturante escala.

Acomodando sentimentos
e esperanças... e descontroles...
no desajustado tempo que engana
e nunca traz... sempre tira.

E a vida mal vivida, nem vida parece...
Num sacrifício, num arrastar...
de zombies... a zombirarem.
De qualquer vontade, o esgotar.



APRESENTAMOS

TORTO REGISTRO

POR SELMA LUANNY

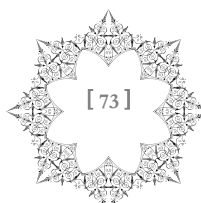
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



É isso para ficar?
Em ondas
de imagens e sons...
nada real parece.
É isso para registrar?
Com tantos meandros,
tantas mentiras!

Nada de valor...
nada sublime.
Nada simples...
nada honesto.
Só enganos... ilusões...
falsos tons...
proveitos da ocasião...
manobras...
fúteis oportunidades.

Nada mesmo que se aproveite.
Tudo sobre uma corroída base.
No futuro do presente
a ser contada uma história
agora, criada.



APRESENTAMOS

AXIS MUNDIS

POR VYTHOR BKOSQI

Vythor é um jovem poeta emergente do Rio Grande do Sul. Escritor há pouco mais de um ano, ele descobriu através dos versos como expor seus pensamentos e sentimentos, sejam críticos, existenciais ou simplesmente românticos.

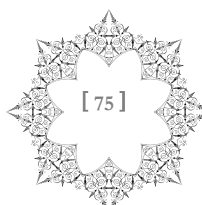


Quando eu desaparecer do mundo,
O céu continuará límpido e azul.
O oceano permanecerá profundo,
E o Cruzeiro ainda brilhará no Sul.

Mas enquanto você estiver viva,
O céu jamais conhecerá as nuvens.
As constelações brilharão incisivas,
E os oceanos tornar-se-ão flúmens.

A sua existência é necessária,
Para fomentar o eixo do mundo.
Para tutelar a órbita planetária,

E iluminar todo o extramundo.
Verbalizando de forma sumária,
O seu amor tornou-se o meu tudo.



APRESENTAMOS

O SONETO DAS ESTAÇÕES

POR VYTHOR BKOSQI

Vythor é um jovem poeta emergente do Rio Grande do Sul. Escritor há pouco mais de um ano, ele descobriu através dos versos como expor seus pensamentos e sentimentos, sejam críticos, existenciais ou simplesmente românticos.

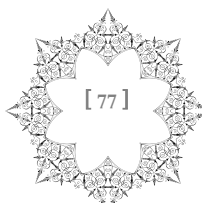


Desabrochei na branda primavera,
Juntamente com a flor que plantei.
Dei todo o arrimo que se espera,
E com devotado zelo a cuidei.

Vivemos nosso apogeu no verão,
Enquanto afastávamos as pragas.
Uma delas infectou seu coração,
Sendo a primeira das muitas chagas.

No solitário e sombrio outono,
Abriu-se a garganta do inferno.
Logo após seu sórdido abandono,

Que lentamente tornava-se eterno.
Mas a algidez trouxe o seu retorno,
Para definhar comigo no inverno.





CONHEÇA OUTROS

TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO

CONEXÃO LITERATURA

// LITERATURA QUE
CONECTA, **EMOCIONA**
E **TRANSFORMA!**



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI!



HISTÓRIAS QUE
INSPIRAM



EMOÇÕES QUE
CONECTAM



PALAVRAS QUE
TRANSFORMAM



AUTORES QUE
ENCANTAM

FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO.

CLIQUE AQUI!